
Silêncios do Jornal A Notícia acerca da resistência das CEBs frente à Ditadura Militar entre 1975 e 1980¹

Fernanda Eliza da SILVA²
Marília Crispi de MORAES³
Faculdade Ielusc, Joinville, SC

RESUMO

O artigo busca explicar como o jornalismo local de Joinville, maior cidade de Santa Catarina, produziu ou deixou de produzir sentidos e história - no período de 1975 a 1980 - acerca do trabalho desenvolvido pelas Comunidades Eclesiais de Base (CEB), grupo ligado à Teologia da Libertação e à Igreja Católica, que lutava e resistia contra a Ditadura Militar e contra a opressão da classe trabalhadora. As escolhas narrativas do veículo mais importante de Joinville, na época, demonstram deliberada ocultação de certos fatos em detrimento da divulgação de versões convenientes aos interesses dos grupos dominantes.

PALAVRAS-CHAVE: silenciamento; ditadura militar; Comunidades Eclesiais de Base; Joinville.

INTRODUÇÃO

Os veículos de comunicação fazem parte da construção de sentidos em torno da história. São fontes históricas de pesquisa para o conhecimento do passado, assim como são usados para construir narrativas. Segundo Abramo (2003, p.8), a mídia é responsável por consensos, educar percepções, reproduzir realidades parciais apresentadas como totalidade do mundo, pode distorcer fatos, falsificar e mistificar em defesa de alguns interesses pessoais de setores da sociedade.

Silva e Silva (2010) explicam que a fonte histórica é uma herança deixada pelo passado e que serve para a construção do conhecimento da história. Por isso, é importante investigar a atuação do jornalismo enquanto fonte, a apresentação e espaço que dá a um determinado tema. Para trazer um contraponto à história contada pelos jornais, é necessário consultar outras fontes, livros, documentos e recorrer até mesmo a

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduada no Curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc, e-mail: fernandaeliza.jlle@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc, e-mail: marilia.moraes@ielusc.br

história oral, as entrevistas.

DITADURA MILITAR E A RESISTÊNCIA DAS CEBS

Um período importante e inesquecível da história do Brasil foi a Ditadura Militar, instalada em 1964 e que durou vinte e um anos, até 1985. Durante o regime ditatorial, cerca de 421 pessoas foram torturadas, mortas e desaparecidas, segundo a Comissão Nacional da Verdade⁴, sem contar, é claro, com as mortes e desaparecimentos que não puderem ser computados. Antes de tudo, podemos definir ditadura como um regime político, uma forma de governo.

Como tal, é sempre um conceito relacionado à própria ideia de Estado. Além disso, a noção mais comum de ditadura no Ocidente está, paradoxalmente, bastante relacionada à ideia de democracia. [...] Nessa perspectiva, a ditadura existe por oposição à democracia. Em comum com o modelo romano, a ditadura moderna tinha o fato de também procurar remediar uma situação de necessidade do Estado, mas não de forma parcial, dependente de um Senado e com tempo determinado para existir, e sim instaurando um novo poder, no qual normalmente o ditador era autoproclamado, ao contrário do ditador romano, que recebia seus poderes temporários do Estado. Essa ditadura moderna pode ser vista, por exemplo, no governo jacobino de Robespierre na França da Revolução Francesa. Nesse caso, em 1793, foi instaurada a ditadura do Comitê de Salvação Pública, comandado por Robespierre, que suspendeu a Constituição e estabeleceu um governo provisório. Esse governo foi considerado pelos estudiosos modelo de ditadura “clássica”, caracterizada pela suspensão dos direitos constitucionais e pelo comando do Estado por um grupo, e não por um único indivíduo (SILVA; SILVA, 2010, p. 105-107).

Foi no mesmo período que se fortaleceu no Brasil a Teologia da Libertação e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), corrente católica criada na década de 1960, a partir do Concílio Vaticano II, para se repensar a atuação cristã na humanidade. “Se deram conta de que seu comportamento pastoral os colocara até então ao lado dos opressores, como avalistas religiosos de uma estrutura social injusta” (CATÃO, 1985, p. 56). Passou-se a enxergar a exploração econômica e social vivida pelos pobres e trabalhadores como pecado, algo a ser combatido pelos cristãos.

⁴ Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_3_digital.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2019

Esse tipo de Igreja supõe aquilo que se cristalizou em Puebla⁵: uma opção preferencial pelos pobres. Importa compreender o exato sentido desta opção. Trata-se de privilegiar os pobres (sem exclusivismo) como o novo sujeito histórico emergente que vai preferencialmente realizar o projeto cristão no mundo. Os pobres aqui não são compreendidos apenas como aqueles que possuem carências; eles as têm, mas possuem também força histórica, capacidade de mudança, potencial evangelizador. A Igreja acede a eles diretamente; não passa pela mediação do Estado ou das classes hegemônicas. Por isso aqui não se trata mais de uma Igreja para os pobres, mas de uma Igreja de pobres e com os pobres (BOFF, 1981, p. 26).

As CEBs, que derivam da Teologia da Libertação, são organizações populares nos bairros, que espalham o Evangelho e a consciência de classe. Durante a Ditadura Militar, os cristãos participantes das CEBs fizeram enfrentamento ao regime opressor, construíram a fraternidade com as próprias mãos, servindo nos ambulatórios populares, nas feiras comunitárias, nos sindicatos, nos mutirões para a construção de casas, entre outras ações de solidariedade de classe.

Assim como no restante do Brasil, em Joinville-SC não foi diferente. Homens e mulheres resistiram fortemente à ditadura. Entre diversos grupos de luta e resistência estava a CEB do bairro Floresta, liderada pelo Padre Luiz Facchini. As CEBs sofreram perseguições e ameaças pouco contadas.

[...] Vinha repressão, era bem forte. Foi na greve dos químicos, foi a maior greve que surgiu na época, paralisou todo o Grupo Hansen, o laboratório da Catarinense... O interessante é que a greve foi aderida 100%, só que houve represália. Na volta, por exemplo, pro trabalho, a gente chegou *tinha* soldados, na época era a Deic⁶. Eles estavam armados com fuzis e *metralhadora*. E nós entrando pra fábrica, pra trabalhar. O interessante é que era pouco divulgado, porque era Ditadura Militar, a censura na época era muito forte. Não teve imprensa cobrindo, não teve nada. Então a gente sentiu muito isso na pele, *né*, o ser forçado a voltar a trabalhar... Na realidade foi uma coisa assim. Porque, se você imaginar, uma pessoa com um fuzil esperando você entrar pra trabalhar, não deixa de ser uma ameaça. Bastava você dar um grito ali de “viva a greve”, alguma coisa parecida, era capaz de receber uma bala (SILVA, 2018).⁷

ANÁLISE

⁵Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizou-se em Puebla de Los Angeles, no México, no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. (TEIXEIRA, 2015, p. 49)

⁶ Departamento Estadual de Investigações Criminais.

⁷ Júlio Cesar da Silva, participante da CEB do bairro Floresta, durante entrevista em 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4Nu7I3yb2Gw&t=1133s>>. Acesso em: 30 abr. 2019

O principal jornal da cidade na época, *A Notícia*, ainda em circulação atualmente, pouco cobriu sobre os importantes trabalhos realizados pela CEB contra a Ditadura Militar e a favor do fortalecimento da classe trabalhadora. A partir de pesquisa documental nas edições de 1975 a 1980 do jornal *A Notícia*, realizou-se análise com base nos preceitos da semântica argumentativa, mais especificamente por meio das escolhas lexicais utilizadas, além das evidências de silenciamento, a fim de verificar de que forma se deu a abordagem do jornal a respeito das pautas envolvendo o grupo religioso de resistência à Ditadura Civil-Militar. O recorte de cinco anos inicia-se a partir da inauguração da Paróquia Cristo Ressuscitado, em 1975, igreja que abrigava os trabalhos das CEBs no bairro Floresta e na região Sul de Joinville. No total, foram cerca de 2.145 edições de jornais observadas, divididos em 16 dias de trabalho, somando 48 horas de pesquisa no Arquivo Histórico de Joinville.

É importante explicar que o *A Notícia* publicava com frequência informações relacionadas à religiosidade e às igrejas, conforme se observa na figura abaixo:

Figura 1 - Notícia publicada em 4 de março de 1976



Fonte: Jornal *A Notícia*

Outra questão importante é a necessidade de destacar a posição do jornal em

relação ao regime comandado pelos militares.

Ao falar, o sujeito utiliza-se de determinados termos para construir seu dizer; entretanto, poderia dizê-lo de outra forma, com outras palavras. Daí a razão de incluirmos na análise o conceito de silêncio, posto que, quando uma formulação é materializada, outra é apagada, ou silenciada (ROMÃO et al., 2008, p. 53).

Figura 2 - Notícia publicada em 9 de janeiro de 1975



Fonte: Jornal A Notícia

Conforme se evidencia já no título da notícia acima (Figura 2), o discurso instituído pelo jornal torna o golpe militar algo bom, a se comemorar. Na época da publicação da matéria, o Brasil vivia o período do Ato Institucional n. 5, ou seja, vigorava a censura. Deve-se considerar que, se outras palavras como “ditadura” ou “golpe” fossem escolhidas para falar sobre o governo da época, havia a possibilidade de que o jornal fosse censurado. Porém, também é importante observar que havia outras alternativas léxicas caso não se quisesse colocar os militares como salvadores do país. Termos como “regime” ou “governo”, por exemplo, soariam mais neutros.

Não só de escolhas léxicas vivem os jornais, mas também da escolha de pautas. Romão et al (2008, p. 53) explica que o controle do que se silencia pode ser político, já que existem vozes de autoridade na sociedade, pessoas que têm o poder de administrar a produção dos sentidos, do que deve ser conhecido pelos demais, “contribuindo para a formação do consenso, quer dizer, determinam quais os sentidos que podem ser

conhecidos e quais devem permanecer em silêncio.” (ROMÃO et al (2008, p. 53)

Figura 3 - Notícia publicada em 18 de maio de 1975



Fonte: Jornal A Notícia

O título da matéria acima coloca as “Damas de Caridade” como elementos centrais do texto. Uma escolha diferente poderia ter sido tomada para colocar em evidência a história dessas famílias pobres, como, por exemplo, “Pessoas pobres recebem alimentos”, colocando em primeiro plano as pessoas mais necessitadas e não as agentes da boa ação.

Pensando nisso, antes de continuar a análise, é importante contextualizar uma ação muito importante realizada pelas CEBs no Floresta. Em 1979, foi criada no bairro, a Feira Comunitária. Os objetivos da feira eram combater o alto custo de vida, frear o êxodo rural e proporcionar às famílias de baixa renda o acesso a alimentação, já que as mercadorias eram vendidas com o preço mais baixo que no mercado tradicional. Um dos integrantes, entrevistado por esta autora, conta:

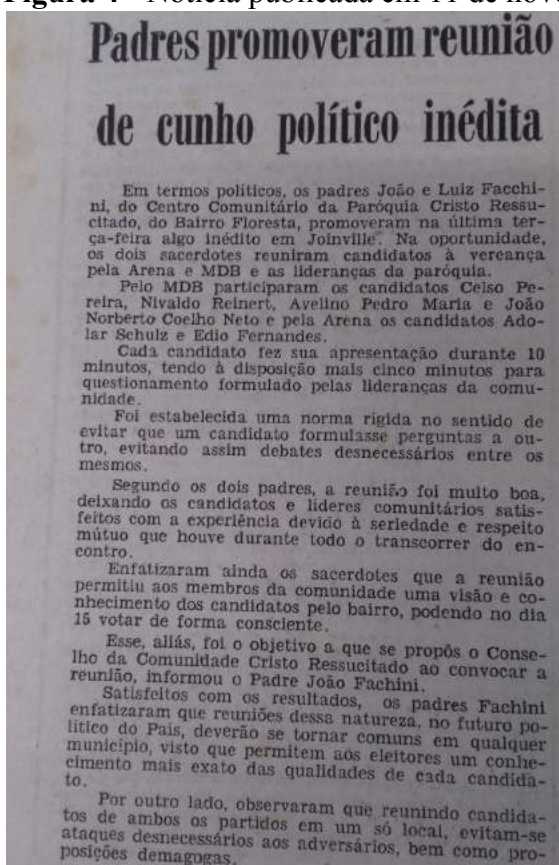
Buscava produtos do pessoal da Pastoral da Terra⁸ [...], trazia pra cidade e muitas vezes era doado para pessoas que não tinham nem um real, por exemplo, na época era cruzeiro. Não tinha um cruzeiro pra comprar frutas e verduras, então era doado, a Igreja doava. (SILVA, 2018)⁹

⁸ Pastoral da Terra era um grupo de agricultores da CEB que discutiam as necessidades dos trabalhadores da terra, assim como a Pastoral Operária era formada por operários e operárias que discutiam as questões e necessidades dos trabalhadores urbanos. Todas as pastorais eram organizadas a partir das especificidades da época, mas sempre baseadas na história de Jesus Cristo, que, resumidamente, segundo a Teologia da Libertação, viveu para libertar o povo da exploração.

⁹ Júlio Cesar da Silva em entrevista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4Nu713yh2Gw&t=483s>>. Acesso em: 30 abr. 2019

É possível perceber, portanto, que as escolhas de pauta demonstram que o veículo priorizou destacar os personagens que realizaram a boa ação do que a importância do ato em si para as pessoas que dele se beneficiaram. Ao silenciar sobre a Feira Comunitária e destacar a ação das “Damas”, percebe-se a opção pela valorização do assistencialismo realizado pelas pessoas ricas e não da exposição das causas da desigualdade econômica.

Figura 4 - Notícia publicada em 11 de novembro de 1976



Fonte: Jornal A Notícia

A primeira vez que a igreja da comunidade do bairro Floresta foi noticiada pelo A Notícia, foi por causa da festa junina organizada pela juventude em 1976. Durante as eleições, no mesmo ano, pela segunda vez a comunidade foi citada. O jornal utiliza a palavra “inédita” no título, o que soa quase como um elogio. Em livro, Facchini e Pedrini (2000) contam que dois jornais da cidade elogiaram a iniciativa da Paróquia Cristo Ressuscitado. O episódio ficou muito marcado para a comunidade, isso porque esta foi a segunda vez que eles foram pauta do jornal.

Outra pauta, quase dois anos mais tarde, levou a Paróquia Cristo Ressuscitado a ser novamente citada no A Notícia.

Figura 5 - Notícia publicada em 19 de setembro de 1978



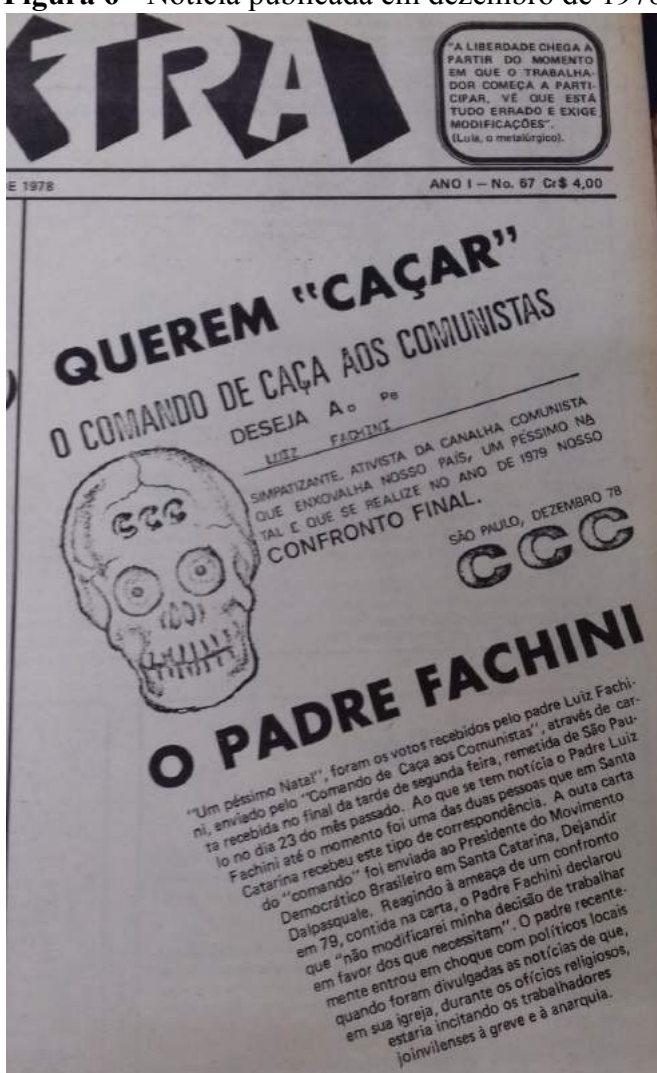
Fonte: Jornal A Notícia

O título da matéria evidencia que é a Igreja que está trazendo o Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH) para a cidade, não o poder público, o Estado. Segundo Romão et al (2008, p.51), “os sentidos são produzidos junto com o sujeito”, o que, neste caso, é importante, pois já no título da matéria, a Igreja mostra qual é sua posição frente às violências sofridas. Ainda sobre a citação de Romão et al (2008, p.51), o texto da matéria evidencia a posição do padre Luiz Fachini, quem é o sujeito que está produzindo determinado sentido. Apesar de não tocar em nenhum momento na questão da ditadura, o sacerdote consegue expor as ideias e as lutas que pretendem defender com o CDDH. Neste caso, podemos dizer que não houve silenciamento por parte da imprensa, já que a pauta é debatida e as ideias bem expostas.

Outro acontecimento muito importante relacionado à CEB e que foi silenciado pelo jornal ocorreu em dezembro de 1978, quando o padre Luiz Fachini recebeu uma

carta de ameaça de morte, enviada pelo Comando de Caça aos Comunistas. O jornal A Notícia nada divulgou sobre o assunto. É possível tomar conhecimento do acontecido por meio do livro tombo da Paróquia Cristo Ressuscitado, onde o padre colocou e guardou a carta, junto da matéria publicada no jornal Extra, de circulação semanal à época.

Figura 6 - Notícia publicada em dezembro de 1978



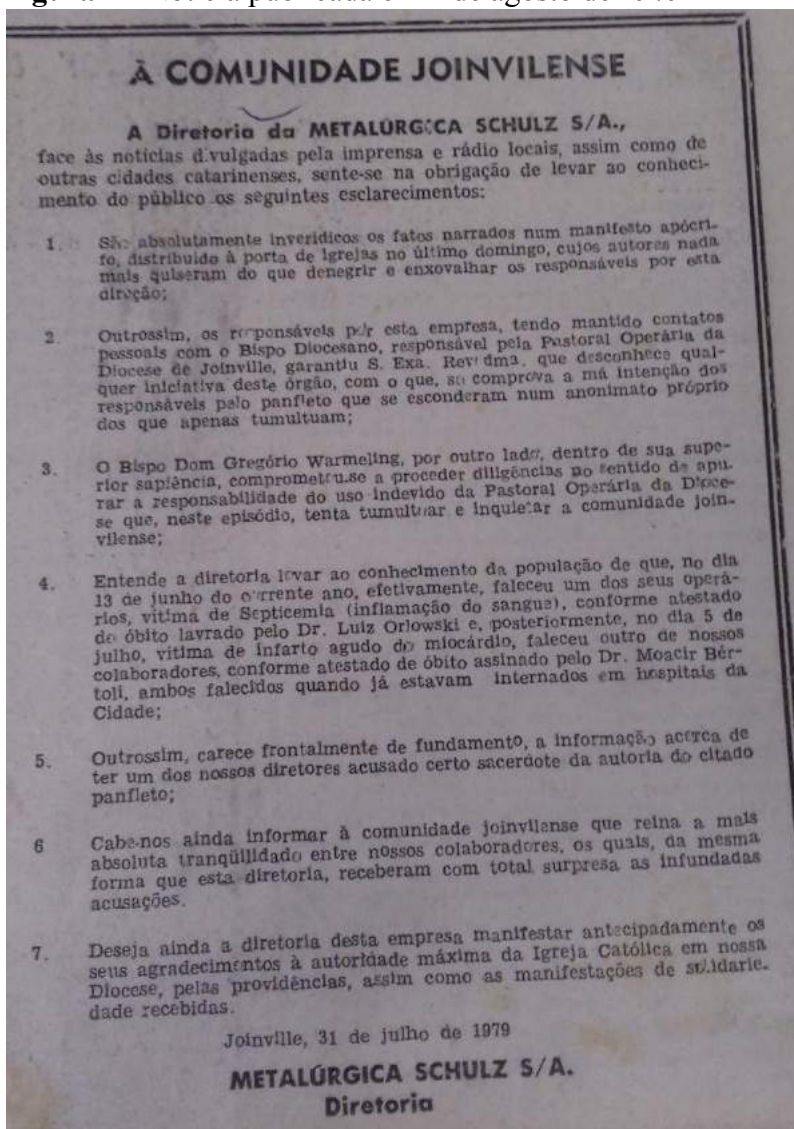
Fonte: Jornal Extra

O silenciamento do jornal A Notícia pode configurar um modo de censura, já que não permite que o sujeito possa formar um discurso e produzir um sentido, o que afeta sua construção identitária e, conseqüentemente, a história (ORLANDI, 2011, p. 76).

A censura, como silêncio imposto por um grupo dominante, intervém na formação e no movimento dos sentidos. O silenciamento produzido pela censura leva a um processo de produção de sentidos silenciados. É um processo que trabalha a divisão entre o não-dizer e o dizer, que impedem o sujeito e a sociedade de trabalharem o movimento de identidade e de elaborarem historicamente os sentidos. O silêncio intervém, portanto, na formação e no movimento dos sentidos e disso decorre, também, a ligação do não-dizer à história e à ideologia. (ORLANDI apud BERTOLUCCI, 1995, p. 149).

Novamente, não se permite à CEB fazer parte da produção de sentidos feita pelo jornal, não pode contar, no veículo, a sua própria história, dessa vez, em uma publicação de primeiro de agosto de 1979.

Figura 7 - Notícia publicada em 1 de agosto de 1979



Fonte: Jornal A Notícia

A nota acima foi enviada pela empresa Schulz, acusando integrantes da Pastoral Operária de mentirosos e de que teriam a intenção de manchar a imagem da direção da fábrica. O A Notícia publicou a nota da Schulz sem contextualizar o leitor do ocorrido e sem procurar a Pastoral para que desse a sua versão dos fatos. Então, novamente, foi silenciada a participação da comunidade enquanto produtora da história, de sentidos e silenciada no documento histórico que o jornal se torna.

Mais tarde, quase um mês após o ocorrido, o jornal publica uma nota emitida pelo bispo diocesano de Joinville.

Figura 8 - Notícia publicada em 26 de agosto de 1979



Fonte: Jornal A Notícia

A nota da Diocese de Joinville em defesa da Pastoral Operária foi publicada, porém, ainda assim, sem contextualizar o que havia acontecido. Como o jornal não explicou o ocorrido, foi preciso recorrer a um participante da Pastoral Operária na época, para contar o que teria sido divulgado pelos trabalhadores e entender qual foi a origem e o motivo pelo qual as notas tinham sido escritas. Segundo seu relato, dois trabalhadores da Schulz morreram em datas próximas.

A Pastoral Operária tinha a informação de que os trabalhadores estavam trabalhando sem as condições ideais de segurança, entendeu? E como era uma fundição, a Schulz e tal, podia estar causando alguma coisa, algo no pulmão [...] dos operários. Não necessariamente nesse sentido, mas que as condições de trabalho. Faleceram dois operários na época [...] e a gente não sabe exatamente o porquê. Foi feito um panfleto com a denúncia. [...] E realmente, vou ser sincero, não havia provas de que eles morreram por conta da negligência da empresa. Mas como o pessoal da empresa, os trabalhadores, no caso, estavam reclamando das condições de trabalho, aí essa morte ensejou o momento de colocar a nota. (SILVA, 2018)¹⁰.

Pode-se observar que, nesse caso envolvendo a Schulz, houve por parte de A Notícia o uso da fragmentação que, segundo Abramo (2003) é uma forma utilizada para manipulação da mídia.

Padrão da fragmentação: [...] O todo real é estilhaçado, despedaçado, fragmentado em milhões de minúsculos fatos particularizados, na maior parte dos casos desconectados entre si, despojados de seus vínculos com o geral, desligados de seus antecedentes e de seus consequentes no processo em que ocorrem, ou reconectados e revinculados de forma arbitrária e que não corresponde aos vínculos reais, mas a outros ficcionais e artificialmente inventados. [...] O padrão da fragmentação implica duas operações básicas: a seleção de aspectos, ou particularidades, do fato e a descontextualização. A descontextualização é uma decorrência da seleção de aspectos. Isolados como particularidades de um fato, o dado, a informação, a declaração perdem todo o seu significado aparente, ou receber outro significado, diferente e mesmo antagônicos ao significado real original. (ABRAMO, 2003, p. 27-28).

Não há contextualização do fato que dá origem à manifestação da empresa e nem à nota de resposta da Igreja. A falta de contextualização é também um modo de silenciar, de deixar de dizer algo.

¹⁰ Em entrevista por WhatsApp em 23 de outubro de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após análise, podemos perceber que, apesar de ter realizado algumas matérias baseadas nos trabalhos feitos pelas CEBs da zona Sul da cidade, o jornal as silenciou acerca de outras atuações importantes, tais como o surgimento da primeira Feira Comunitária, a construção do Centro Comunitário, entre outros, além da ameaça de morte recebida pelo padre Luiz Facchini. Nenhum desses temas foi pautado pelo jornal de nenhuma forma, nem sequer por meio de nota. Tudo isso, levando em conta que diversas outras matérias sobre igrejas e outras denominações religiosas foram noticiadas pelo jornal.

A comunicação é feita, o tempo todo, de escolhas. Ainda que pareçam inconscientes, essas escolhas refletem posicionamentos ideológicos e tecem estratégias discursivas de persuasão e de convencimento do receptor, afinal, como ensina a professora Ingedore de Villaça Koch (2011), a argumentação é inerente à linguagem.

Ainda que o jornal tenha noticiado de forma aparentemente positiva a ação política e pública da CEBs, no caso o debate com candidatos a vereadores pelo bairro, é necessário ver por outra perspectiva. Ali não houve silenciamento da pauta, muito pelo contrário, ela foi abordada, fazendo as CEBs serem conhecidas pelo restante da cidade. Porém, não há como saber se tal escolha se deveu ao reconhecimento, pelo jornal, da importância dessa iniciativa da CEB ou se movida pelo interesse nos/dos candidatos.

O jornal também deu espaço para a vinda do Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH) para Joinville, evidenciando a ação e participação das CEBs nas mudanças sociais.

Nas questões relacionadas às greves, de modo geral, o jornal silencia os trabalhadores e sindicatos. Em uma das pautas, no episódio envolvendo a empresa Schulz e a Pastoral Operária, o noticiário nem cumpre a função jornalística básica de “ouvir o outro lado”, já que a resposta da Pastoral Operária para a nota da Schulz circula cerca de 26 dias depois, além da falta de contextualização da pauta, deixando o leitor sem a informação completa. Há, portanto, uma deliberada fragmentação, para usar um dos termos de Abramo (2003) que claramente contribui para distorcer a informação.

Portanto, podemos entender que, apesar de realizar algumas matérias pontuais, o

jornal silenciou as pautas das CEBs. Durante o período analisado, o jornal escolheu um lado: o dos poderosos. No caso da greve, nota-se não o silenciamento da pauta, mas da voz dos trabalhadores e da Pastoral Operária. É claro que não se pode afirmar que motivos levaram o jornal a fazer certas escolhas, nem é esta a intenção deste artigo, mas é possível verificar, por meio das escolhas léxicas e omissões, que houve o silenciamento da pauta das CEBs e o fortalecimento do discurso opressor.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa um ensaio de Perseu Abramo**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

BERTOLUCCI, Cely. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos. **Caderno de Linguagem e Sociedade**. p. 148-152. 1997

BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

CATÃO, Francisco. **O que é Teologia da Libertação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

FACCHINI, Luiz; PEDRINI, Irmã Dalila. **CEBS 25 anos de caminhada na Paróquia Cristo Ressuscitado**. Joinville: Movimento e Arte, 2000.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 2. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

ROMÃO, Lucília Maria de Sousa; PACÍFICO, Soraya Maria Romano; VIEIRA, Iara Martins. **O jogo discursivo do dizer e do silenciar: Denúncias de Corrupção no Governo Lula**. 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. São Paulo: Contexto, 2010.

TEIXEIRA, Paulinele José. **A comunicação na igreja católica latino-americana: dos meios à pastoral**. São Paulos: Paulus, 2015.